
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É SÓ MAIS UMA VIOLÊNCIA. É VIOLÊNCIA DE GÊNERO!

Aline Macêdo Câmara Gracindo¹
Camila Mesquita Soares²

RESUMO

O patriarcado caracteriza-se por um sistema onde há uma relação de dominação do gênero masculino sobre o feminino. Tal situação traz diversas consequências para a vida e liberdade das mulheres. Partindo desta compreensão, o referido estudo visa analisar a violência contra a mulher em sua relação com o gênero e a posição que este tem no sistema supracitado. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica atentando, especialmente, para Cisne (2012) e Queiroz (2008), onde a sistematização do estudo desdobrou-se em três categorias principais: gênero, patriarcado e violência de gênero. Ao final deste trabalho, constatou-se que a violência contra a mulher resulta de um modelo social patriarcal, historicamente construído, que concede ao gênero masculino uma posição de superioridade e domínio sobre o gênero e o corpo feminino, o qual se expressa de maneira mais cruel nessa forma de violência.

PALAVRAS-CHAVE: GÊNERO; PATRIARCADO; VIOLÊNCIA DE GÊNERO.

O presente trabalho busca analisar a dinâmica da violência de gênero a partir dos seguintes questionamentos: O que é violência de gênero? No interior de qual cenário se dá esta forma de violência? Desse modo, tem como objetivo fomentar a reflexão sobre tal temática e sobre a forma de sociabilidade vigente, a qual estabelece as bases sustentatórias e naturaliza a violência contra a mulher. Para fazer entender estas bases de sustentação, serão utilizadas, como eixos explicativos, três categorias: gênero, violência de gênero e patriarcado.

Relatos de violência já a tornaram um fenômeno comum. Existem vários tipos de violência: a urbana, a de trânsito, a contra os idosos e, dentre elas, a de gênero, a violência contra a mulher, a qual não se restringe a um único país, região, cultura, condição econômica ou qualquer grupo específico de mulheres. Todas as mulheres se encontram em situação de

¹ Acadêmica do 6º período do curso de Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Componente do Núcleo de Estudos sobre Criança e Adolescente – NECRIA. Bolsista do PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial. alinegracindo@hotmail.com

² Acadêmica do 4º período do curso de Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Componente do Núcleo de Estudos sobre a Mulher – NEM. Bolsista do PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial. camilamesquiita@hotmail.com

vulnerabilidade, pois pelo simples fato de serem mulheres, correm o risco de sofrer violência. Segundo pesquisa do Banco Mundial, “mulheres de 15 a 44 anos correm mais risco de sofrer estupro e violência doméstica do que câncer, acidente de carro, guerra e malária” (dado retirado do site da ONU, da página da campanha “UNA-SE pelo fim da violência contra as mulheres”) e, segundo a Organização Mundial da Saúde em 1998 (OMS, apud, Queiroz, 2008, p. 44): “[...] a violência doméstica contra a mulher no âmbito doméstico tem sido documentada em todos os países e ambientes socioeconômicos; e as evidências existentes indicam que seu alcance é muito maior do que se supunha.” Essa forma de violência não pode ser igualada às outras e tratada apenas como extensão delas, pois tem suas particularidades: ocorre pelo fato de a vítima ser mulher (por isso caracteriza-se como violência de gênero) e possui toda uma construção histórico-social que a legitima, sustenta e naturaliza.

O gênero refere-se a papéis e características ditas de homem e de mulheres, é a construção histórica do que se considera feminino ou masculino. Refere-se às formas de vestir-se, comportar-se, as habilidades e até mesmo as formas de sentir, daí ideias como as de que mulheres são frágeis e homens não podem chorar. Ideias que são transmitidas socialmente e que reforçam o machismo.

Já o patriarcado é um sistema hierárquico que está baseado na opressão, na exploração e na dominação de um sexo sobre outro, do homem sobre a mulher, onde se dão as relações desiguais de gênero. Conforme Mirla Cisne:

[...] diferentemente da categoria gênero que pode também contemplar relações igualitárias, o patriarcado diz respeito, diretamente, às relações de dominação, opressão e exploração masculinas no controle do corpo e da vida das mulheres. Relações essas ainda fortemente presentes em nossa sociedade, daí a importância de considerarmos o patriarcado [...]. (CISNE, 2012, p. 156)

É no interior dessas relações de desigualdade de gênero, que também se constituem como relação de dominação, submissão e medo, que se inclui a violência contra a mulher. São essas relações que a fundamentam uma vez que a diferenciação em relação aos homens e às mulheres está baseada em relações de poder, onde um sujeito é colocado como superior ao outro. A desvalorização do gênero feminino é visível em diversos aspectos: a questão do público e do privado, as relações de potência e impotência, a questão da divisão sexual do trabalho que vem sendo guiada desde a divisão sexual dos brinquedos, que são sexualizados pela sociedade. As mulheres, desde o seu nascimento, vão sendo orientadas para trabalhos domésticos, no âmbito privado, ou trabalhos ditos femininos, quando no âmbito público. São

orientadas a específicos tipos de comportamentos como a incorporarem o espírito materno e matrimonial, devendo, para tanto, “resguardarem-se”, e entenderem isso como natural, como “de mulher”. Assim, fica claro que o processo de dominação das mulheres se reproduz socialmente. Explica Cisne:

A divisão entre o público e o privado, ou seja, a cisão entre o espaço da fábrica e o lar, fortaleceu a hierarquia e a desigualdade entre homens e mulheres. No capitalismo, o *público* é a esfera da valorização, da *produção* da riqueza e da política, e, portanto, é tido como um espaço privilegiadamente masculino. O *privado*, por ser a esfera privilegiada para a *reprodução social* [...] é considerado um espaço feminino. [...] Assim, desde a infância, meninos e meninas recebem uma educação sexista, ou seja, aquela que não apenas diferencia os gêneros, mas educa homens e mulheres de forma desigual. Para isso, o sistema patriarcal conta com algumas instituições na difusão de sua ideologia, das quais destacamos a família, a igreja e a escola. Meninas são educadas para lavar, cozinhar, passar, cuidar dos filhos (as) e do marido e a serem submissas, passivas e tímidas. Meninos são educados para serem fortes, valentes, decididos e provedores.” (CISNE, 2012, p. 160).

Diversas são as formas de violência contra a mulher: física, sexual, moral, social, patrimonial etc., estando a violência psicológica presente em todas. Todas essas formas deixam marcas, a violência física deixa não só as marcas visíveis nos corpos das mulheres, mas também as invisíveis. Tratando-se de marcas invisíveis ao corpo, podemos retratar a violência psicológica, invisível muitas vezes à própria mulher. É o que Pierre Bourdieu (2002) denomina de violência simbólica. Essa violência atinge as mulheres na dimensão do seu comportamento, atinge suas vidas na medida em que estas são levadas a se privarem de, por exemplo, amizades e de certas atitudes. Em síntese, de viver livremente e à sua vontade. Outro aspecto específico desse tipo de violência é que ela é praticada com o objetivo de dominação da vítima, que é tida como uma propriedade. Segundo Queiroz:

[...] a violência contra a mulher é praticada pelo homem para dominá-la e não para eliminá-la fisicamente. A intenção masculina é possuí-la, é tê-la como sua propriedade, determinar o que ela deve fazer, pensar, desejar. [...] a violência deseja a sujeição consentida ou a supressão midiaticizada pela vontade do outro que consente em ser suprimido na sua diferença. (MARQUES, 2008, p. 57)

Além disso, e ainda diferentemente de outras formas de violência, os casos de violência contra a mulher são praticados, em sua grande maioria, por alguém que mantém com a vítima uma relação muito próxima, em geral de dependência, seja ela financeira ou mesmo emocional, o que torna o vínculo mais difícil de ser quebrado. Esses casos exigem compreensão das pessoas que estão próximas às vítimas e das que trabalham com o enfrentamento dessa forma de violência, pois há necessidade de apoio e não de julgamentos

moralistas. É difícil para a vítima desvincular-se, por isso, tem-se, frequentemente, nessas situações, a oscilação entre afastamento e reaproximação do agressor. E a falta de apoio e os julgamentos são fatores que dificultam ainda mais a decisão da mulher de denunciar e a sua saída dessa situação. Assim, acaba havendo a legitimação social da violência contra a mulher. Isto é visível na naturalização e na rotinização desta, basta lembrar do ditado disseminado popularmente que diz que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”.

Dessa forma, além de estar “arraigada” na sociedade, segundo Leonore Walker (Walker, apud, Queiroz, 2008, p. 55) existe um ciclo da violência doméstica e de gênero que se constitui pelas fases da acumulação da tensão, da explosão da tensão e da lua de mel, e que tende à repetição. A Acumulação da tensão trata-se de uma fase que pode durar bastante tempo, onde ocorre o aumento do estresse, agressões verbais por ambas as partes e onde podem ocorrer pequenos incidentes de agressões. Nessa fase, a mulher procura evitar a violência adequando seu comportamento ao agrado do parceiro. Na segunda fase, chamada de Explosão da tensão, ocorrem as agressões graves, uma fase que pode durar de 24 horas a uma semana e é um momento de choque em que a vítima reflete e, geralmente, toma uma decisão: ou esconde a agressão ou faz a denúncia. Na Lua de mel, o homem procura fazer com que a mulher acredite que essa situação não irá mais se repetir. Promete mudanças, pede perdão e é amoroso. Geralmente, a passagem de uma fase para outra se dá progressivamente, podendo, nas situações mais graves, chegar a casos de morte.

Depreende-se, então, que esse sistema patriarcal é sustentado pela ideologia, pelas leis, pela religião e é reforçado pela mídia. Assim, a dominação vai se dando de forma mascarada. Esta dominação é ocultada e aparece como relações desiguais e naturais entre homens e mulheres. Como consequência, a mulher perde sua autonomia e liberdade: liberdade de viver sua sexualidade, de controlar seu corpo, de exercer sua autonomia em suas escolhas. E essa situação de subordinação, determinada pelo sistema patriarcal que dá as bases para o poder do homem, se expressa, de forma mais cruel, na violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. P. 160.

CISNE, Mirla. Gênero e Patriarcado: uma relação necessária para o feminismo. In: QUEIROZ, Fernanda; RUSSO, Gláucia; GULGEL, Telma. (org.). In: **Políticas Sociais, Serviço Social e Gênero: múltiplos saberes**. Mossoró – RN: Edições UERN, 2012. p. 147 – 165.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É SÓ MAIS UMA VIOLÊNCIA. É VIOLÊNCIA DE GÊNERO!

A. M. CÂMARA GRACINDO e C. MESQUITA SOARES

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se rima amor e dor:** cenas cotidianas de violência contra a mulher. Mossoró – RN: Edições UERN, 2008.